



Juventude no semiárido nordestino: caminhos e descaminhos da emigração

Karla Patrícia Martins Ferreira
Zulmira Áurea Cruz Bomfim

“Agora pensando segui ôtra tria,
chamando a famia, começa a dizê:
eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
nós vamo a São Paulo, vivê ou morrê...
Nós vamo a São Paulo, que a coisa tá feia;
Por terras aleias nós vamo vagá.
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mêrmo cantinho nós torna a vortá”

(Patativa do Assaré, *A triste partida*)

Introdução

O poema “*A triste partida*”, do poeta cearense Patativa do Assaré, que veio a ser brilhantemente musicado por Luiz Gonzaga, traduz a dor do sertanejo em deixar sua terra e o desejo de um dia, se o destino permitir, voltar ao seu lugar de origem. Sobre isso, durante muitos anos, foi muito fácil culpabilizar a seca como única responsável pelo grande número de emigrações nordestinas rumo aos grandes centros urbanos do país, mesmo sendo esta um evento climático natural de regiões semiáridas, portanto previsível e até, de certo modo, esperada, apesar de nunca desejada.

No entanto, percebemos atualmente que o interesse e a necessidade de jovens do campo tornarem-se emigrantes têm diminuído gradativamente. São vários os fatores relacionados a esse fenômeno, entre eles o notável inchaço dos maiores centros urbanos, o que muda a política de incentivo à migração, que foi uma das bases para a construção das grandes cidades, com mão de obra barata e abundante vinda do campo. Outro fator tem sido a necessidade de estimular uma revalorização da agricultura, já que os jovens se afastavam cada vez mais desse tipo de atividade a ponto de se temer, para o futuro, um colapso no abastecimento.

Há algum tempo percebemos que a juventude do meio rural vem recebendo mais atenção, por causa do desinteresse desses jovens em continuar no campo e, sobretudo, pela falta de estímulos à atividade agrícola, já que historicamente esta tem sido completamente desvalorizada em nosso país, sobretudo quando falamos de uma agricultura familiar.

Acontece que por falta de políticas públicas adequadas para a valorização do campo e melhoria das condições de vida, a solução mais buscada durante muito tempo foi a emigração para os grandes centros urbanos, o que nem sempre trazia aos emigrantes uma boa condição de vida. Muitas vezes apenas era trocada a miséria

do campo pela miséria da cidade, trazendo ainda diversas outras consequências tanto em nível socioambiental e econômico, como em nível psíquico, gerando sofrimento por causa de fatores como desenraizamento, falta de apropriação espacial, perda dos parâmetros identitários existentes nas comunidades de origem, por causa do fato de sermos, na cidade grande, apenas mais um na multidão.

Este capítulo se propõe a apresentar uma breve reflexão sobre a emigração, baseando-nos na nossa experiência nordestina e cearense. Pensamos em seus aspectos históricos, econômicos e subjetivos, sobre o semiárido sertanejo e sua relação com a seca, “personagem” historicamente culpabilizada pelos deslocamentos de milhares de famílias para os grandes centros urbanos.

A discussão será feita a partir da realidade do Ceará, nossa área geográfica de estudo, estado reconhecido como um importante exportador de mão de obra.

Procuramos trazer uma discussão sobre a condição de vida dos jovens do sertão semiárido cearense, partindo de nossas pesquisas e intervenções nesse contexto. Também apresentamos um pouco de como percebemos as mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos e que têm influenciado na qualidade de vida da juventude no meio rural.

Aspectos da migração nordestina

A história do Brasil é marcada pelo grande fluxo migratório interno, sobretudo das regiões Norte e Nordeste para os grandes centros urbanos, principalmente da região Sudeste, como também para as áreas rurais do Sul e Sudeste do país. O Ceará, estado situado na área do Polígono das Secas¹, tem sua história marcada pela difícil condição climática à qual grande parte da sua população

1 É denominado Polígono das Secas uma área de 950mil km², que compreende mais da metade da região Nordeste, indo do Piauí a Minas Gerais. Essa

rural está submetida e pelas estratégias de sobrevivência desenvolvidas por esta para resistir aos impactos causados pelas variações climáticas, principalmente no sertão semiárido.

Chamamos de semiárida a região submetida a um clima caracterizado pela insuficiência de precipitações pluviométricas, temperaturas elevadas e fortes taxas de evaporação, onde essas precipitações apresentam-se, além de insuficientes, com uma irregularidade temporal e espacial, podendo apresentar, assim, longos períodos de estiagem.

Os fenômenos migratórios internos geraram uma grande mudança social na medida em que as cidades, e aqui no Brasil, algumas cidades, foram efetivamente o polo de atração de todo este contingente humano, com todas as consequências de desenraizamento familiar, marginalização e demais sequelas sociais de todos conhecidas (Albuquerque, 2002).

Em relação ao Nordeste, a seca tem sido culpabilizada pela miséria em que vivem muitas famílias rurais, sendo há muito tempo o pretexto utilizado para justificar a preservação de uma lucrativa agricultura parasitária que privilegiou os grandes proprietários na manutenção e reprodução das arcaicas formas de dominação política. A seca, no entanto, mesmo evidenciando a miséria em que vivem muitos agricultores, não pode ser considerada a única causa do sofrimento enfrentado pela população rural. O que ocorre é que fatores como difícil acesso ao trabalho remunerado, baixo nível de escolaridade, entre outros, caracterizam a vulnerabilidade dessas pessoas às variações climáticas.

Deve-se estar atento, então, acerca da estreita relação entre vulnerabilidade social, impactos climáticos, emigração do

delimitação já é uma revisão e foi feita pelo governo federal em 1951, através da lei nº 1. 348.

semiárido e êxodo agrícola². Considera-se que o conceito de vulnerabilidade diz respeito à fragilidade do indivíduo ou sociedade em se proteger contra determinada situação de risco, ameaça ou problema, o que a deixa mais susceptível aos efeitos negativos do fator estressante. Percebe-se que a seca pode ser considerada um fator estressante, pois, apesar de ser um evento climático natural de regiões semiáridas, agrava e põe em evidência a difícil situação em que vive grande parte da população cearense, devido à falta de políticas adequadas para a região, o que tem, ao longo da nossa história, deixado a população à mercê das condições da natureza.

Observa-se ainda uma desvalorização do trabalho agrícola em consequência dos difíceis problemas enfrentados pelos pequenos agricultores para se manterem no campo, por causa das políticas que privilegiaram os grandes produtores e a mecanização da agricultura em detrimento de uma agricultura familiar, que favoreça condições dignas de subsistência, apesar de esse tipo de produção ser ainda hoje de extrema importância para o abastecimento do país. Faz-se necessário, desta forma, uma continuação e maior valorização da cultura agrícola entre as famílias.

A decisão de emigrar, então, é tomada quando o sujeito conclui que haverá uma série de vantagens concretas no lugar para onde se dispõe a partir, como melhor salário, mais oportunidades de emprego, estudo etc. Entretanto, de acordo com Toniatti (1978) há também um conjunto de fatores subjetivos que influenciam o julgamento do sujeito em relação às vantagens de emigrar.

Para que se possa falar sobre a migração é preciso que se pense nesse fenômeno como resultado de um processo histórico de nossa sociedade. A idéia de que a emigração nordestina como algo “natural” deve ser desmistificada e historicizada; faz-se necessário,

2 Utiliza-se a expressão “êxodo agrícola” para fazer referência ao abandono do trabalho na agricultura e para diferenciá-lo do êxodo rural, sendo este último considerado o deslocamento de localidades consideradas rurais para áreas urbanas.

dessa forma, estar atento aos fatos históricos que se relacionam com a migração, pois como salienta Silva (2004): “Nenhum projeto presente se sustenta sem o conhecimento do passado. Na dialética entre presente, passado e futuro estão os elementos para qualquer ação transformadora da realidade social”.

O Ceará tem sua história marcada pela emigração. Considerado exportador de mão de obra, é um dos maiores responsáveis pela emigração nordestina. Falar sobre estes deslocamentos, portanto, faz parte da própria história do estado e de seu povo, acostumado a se deslocar para outras regiões do Brasil. Sobre os números que atestam o grande fluxo migratório no Ceará, Holanda (2005) afirma:

Os últimos resultados do censo 2000 apresentam números que reforçam o aumento dos fluxos migratórios interestaduais entre os diversos estados, em especial o Ceará que ao longo dos últimos 10 anos foi responsável por “expulsar” milhares de cearenses para diversos estados do país. De fato, os números atestam que 1.592.756 cearenses emigraram, representando uma diferença para mais de 16,8% em relação ao censo de 1991. A posição do Ceará como um dos seis estados maiores responsáveis pela emigração nordestina, não é verificada apenas no censo de 2000. De fato, os censos de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1991 também mostram dados sobre a relevância do estado como um dos grandes exportadores de mão de obra para as demais regiões e estados (Holanda, 2005).

Entretanto, o censo de 2010 já apresenta mudanças neste quadro. Segundo os dados levantados, há atualmente uma migração de retorno e o Ceará é o principal estado a receber os migrantes de retorno. Então nos questionamos: o que está acontecendo? Presenciamos um importante momento no cenário econômico e político do país e também do estado. Antes, no entanto, de

comentarmos as possíveis causas do retorno, de acordo com a nossa perspectiva, gostaríamos de apresentar alguns motivos envolvidos na decisão entre o partir e o ficar, encontradas a partir de uma pesquisa realizada por nós em 2006 (Ferreira, 2006), em que levantamos a partir do relato de adolescentes, estudantes do último ano do ensino médio, os motivos que influenciavam a decisão de emigrar ou não.

Ficar ou partir? Motivos da migração

Em 2006, realizamos uma pesquisa no município de Tauá, no Ceará, com jovens que estavam cursando o último ano do ensino médio. O objetivo da pesquisa foi investigar a relação afetiva desses jovens com o entorno e sua influência na decisão de emigrar ou não. Eles estavam na iminência da construção da identidade de emigrantes. Muitos já tinham passagens compradas e alguns até mesmo promessas de emprego nas cidades de destino.

A pesquisa foi realizada em duas etapas: na primeira, para identificar a relação afetiva com o entorno, utilizamos os mapas afetivos (Bomfim, 2003), um método que buscou avaliar a afetividade dos jovens com a comunidade a partir de desenhos e metáforas. Na segunda etapa, com a intenção de aprofundar nos motivos que influenciavam a decisão de partir ou ficar, trabalhamos com os três grupos focais. Para a análise dos dados dessa etapa, utilizamos a análise de conteúdo categorial (Bardin, 1991).

O grupo que participou da pesquisa era composto por 63 jovens de ambos os sexos, com idades entre 18 e 25 anos, estudantes do último ano do ensino médio de três escolas públicas do município e que eram moradores tanto da sede como das comunidades rurais.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Variáveis	Categorias	F	%
Sexo	Feminino	41	65%
	Masculino	22	35%
Idade	Entre 18 e 21 anos	58	92%
	Entre 22 e 25 anos	05	8%
Local de moradia	Sede do município	39	62%
	Comunidades rurais	24	38%
Escola	Mons. Odorico	14	22%
	Liceu de Tauá	29	46%
	Ceja	20	32%
Trabalha	Sim	49	78%
	Não	14	22%
Exerce atividade agrícola	Sim	24	38%
	Não	39	62%
Pertence a grupo ou associação	Sim	17	27%
	Não	46	73%

A amostra dos grupos focais foi composta por 3 grupos de voluntários (G₁, G₂ e G₃). Cada grupo pertencia a uma das três escolas pesquisadas. A escolha dos sujeitos (S₁, S₂, S₃...) foi feita através de procedimento não probabilístico do tipo intencional. Nesse tipo de amostragem, “o grupo de sujeitos é constituído conforme critérios preestabelecidos sobre as características que esses elementos devem ter para pertencerem à população” (Almeida & Freire, 1997). Os critérios de seleção dos grupos fizeram referência às idades dos participantes, escolas, nível de escolaridade, local de moradia, condições econômicas semelhantes.

Apresentaremos neste capítulo relatos dos jovens sobre os motivos que influenciavam a sua decisão no momento dessa pesquisa. A partir de então poderemos discutir sobre o que acreditamos que mudou na configuração do estado e o que acreditamos

que poderia ser modificado ainda para melhorar a qualidade de vida da juventude no campo.

Os três grupos focais estão identificados como G1, G2 e G3 e os sujeitos que participaram de cada grupo, como S1, S2, S3...

Motivos que influenciam a decisão de ficar

Medo do desconhecido

O medo do desconhecido está relacionado à insegurança causada pela incerteza com relação ao lugar estranho. Esse medo se contrapõe aos laços afetivos estabelecidos no lugar de origem, quando o jovem tem uma estrutura familiar bem consolidada e não sabe se encontrará uma equivalente no possível lugar de destino. Observamos isso na fala de dois sujeitos, mesmo que ambos saibam que se não encontrarem formas de se manterem na cidade de origem, como fonte de trabalho, renda e oportunidades de estudo, terão que partir para outro lugar em busca de “melhores condições de vida”:

G3: S6 - Eu particularmente não penso assim. Eu vejo diferente das outras pessoas, porque geralmente as outras pessoas querem sair daqui pra procurar uma vida melhor. Eu não. Eu prefiro ficar aqui. Por quê? É como se fosse um risco, assim como eu posso me dar bem em outra cidade eu posso não me dar. Vou enfrentar dificuldades, muitas vezes sozinha, sem parente e nada e muitas vezes por causa das dificuldades as pessoas acabam se envolvendo em tráfico, esse tipo de coisas. Não é o caso de todo mundo, mas muita gente que vai sair de sua cidade trabalhar em algum lugar encontra muitas dificuldades. (Sexo feminino, 17 anos).

No relato dessa jovem, verificamos haver uma análise em relação aos riscos que poderá enfrentar, salientando que a falta de apoio da família, a falta de ter alguém por lá para ajudar pode levar o sujeito ao envolvimento com a marginalidade, mencionado por ela como relação com o tráfico. No relato que se segue, um jovem expressou seu medo do desconhecido, através dos questionamentos: “Como será lá? Será mais difícil?” Ele deixa transparecer o sentimento de insegurança ao mesmo tempo que relata os motivos da emigração e deixa perceber que, apesar do medo do desconhecido, se prepara para partir caso não surjam oportunidades no município de origem:

G2: S1- Em relação ao que a cidade oferece...mas a questão é por dois motivos, certo? Por questões... não é por querer sair de perto da família, sair pra outra cidade, mas o que leva é isso! O que leva mais gente é ir em busca do que a cidade não oferece. E a gente sabe que também, se a gente tiver uma oportunidade, apesar de não ser o que a gente quer, mas se existe essa oportunidade o que a gente imagina é o seguinte: como será lá fora? Será mais difícil? Será muita a burocracia, será que eu vou ganhar o suficiente pra me manter e pagar uma faculdade? Tudo isso é... mexe! (Sexo masculino, 18 anos)

Apego ao lugar

O primeiro sujeito citado a seguir expressa seu afeto pela cidade, deixando claro que se houver alguma oportunidade, mesmo que não seja exatamente o que ele deseja, prefere se manter na cidade. Pensa em fazer faculdade e, mesmo não tendo no município o curso que gostaria de fazer, diz que se passar para algum outro curso prefere ficar porque ama a cidade e que não queria partir. Termina sua fala, entretanto dizendo que se nada der certo, vai ter que partir:

G2: S3 - Se surgir uma proposta de emprego que dê pra eu me manter aqui. Até porque aqui... Eu amo Tauá, eu gosto muito daqui, eu não queria sair daqui. Claro que se aqui tem faculdade, se eu conseguir passar no vestibular. Não é isso o que eu queria pra mim... mas como todo lugar tem suas dificuldades, né? Dando certo eu arrumar um emprego por aqui, eu quero continuar aqui, porque aqui eu vou estar perto da minha família. (Sexo feminino, 17 anos).

G2: S4 - Até falar de ir embora, de morar fora pra melhorar a vida de gente muita gente quer, mas vamos ver que tem gente que não quer de jeito nenhum ir embora. Agora eu nasci e me criei nessa cidade e não queria ir embora daqui, mas às vezes você saindo, você consegue um futuro melhor. Ficando às vezes consegue, às vezes não consegue... (sexo masculino 20 anos).

Os relatos acima caracterizam a relação de apego ao lugar (Giuliane, 2004), marcada pelo sentimento de pertencimento, como foi verificado nos mapas afetivos (Bomfim, 2003).

Medo de se afastar da família

A família representa o porto seguro, o aconchego. Nestas falas revela-se o medo do desligamento, de ter que se virar em uma cidade grande sem o apoio dos parentes, representado, sobretudo, pela figura da mãe que gera, nutre e protege. São citados o apoio e aceitação que o jovem sabe que não encontrará no lugar de destino:

G1:S2 - Pois eu vejo assim: acho que se minha mãe fosse comigo eu não ia lembrar daqui, não. Mas como a minha mãe vai ficar, tem dia que eu já choro, já de agora. Eu sei que vai ser difícil... mas eu vou. (Sexo feminino, 18 anos)

G1:S1 - Tem dias que eu sinto muita falta da minha mãe, que eu sou muito apegada a ela. Ela é muito minha amiga, mas eu só tô aqui ainda porque eu tenho um esposo e tenho um filho de 4 anos, aí eu também não posso ir, mas eu vou concluir o segundo grau e aí no próximo ano eu vou, com meu esposo e o meu filho. (Sexo feminino, 19 anos)

G1: S3 - Eu sinto saudade da mãe. Tem dias que eu tô com saudade de lá, mas eu sei que quando eu chego lá eu fico com saudade daqui, fico lembrando... (sexo masculino, 20 anos)

Ao emigrar se estabelecem várias rupturas afetivas, como com o lugar, a família, amigos, hábitos e costumes locais. Tudo isso gera uma instabilidade e muitas vezes apenas pensar nessas rupturas gera uma desestabilização e estresse.

Motivos que influenciam a decisão de partir

Foram encontradas algumas razões que influenciariam para que o jovem optasse pela emigração. Foram estipuladas categorias principais: o desemprego; o subemprego; o desejo de fazer faculdade e o incentivo de quem já partiu.

Desemprego

A falta de emprego foi bastante citada, apesar de depois com o aprofundamento das discussões do grupo ter perdido um pouco a força de sua importância para a categoria subemprego. Porém fica marcado o desejo de conseguir emprego, com carteira assinada e que lhes proporcione todos os direitos trabalhistas estipulados por lei:

G1: S1 - Eu acho assim, que a maioria prefere sair porque a falta de emprego aqui é muito grande, no Brasil

inteiro a falta de emprego é grande, mas eu acho que aqui a dificuldade é maior, então quando a gente completa assim uma idade de 18 anos, a gente tem vontade de trabalhar de ter vida própria, de ganhar seu próprio dinheiro, então tem que sair pra melhorar de vida. Acho que por isso muitos pensam em sair e vão. (Sexo feminino, 19 anos).

G1: S3 - Eu já eu acho do mesmo jeito que ela falou aqui, é por causa da falta de emprego. Eu mesmo já fui, com 18 anos, eu fui pra São Paulo. Aqui o cara fica aqui e emprego aqui é difícil demais. A gente quer brincar e tal, tem que gastar dinheiro todo final de semana e dinheiro aqui é muito pouco, corre muito pouco. Aí lá eu morei mais de um ano, um ano e pouco e depois vim embora. Depois fui embora pra Fortaleza de novo. Mas se eu tivesse emprego aqui, não saía daqui não. Ficava aqui em Tauá mesmo. Eu gosto daqui, mas o motivo é só esse mesmo: desemprego. (Sexo masculino, 20 anos).

G2: S4 - Eu sou de acordo assim, sabe? Se eu não encontrar um emprego que dê pra eu se manter, eu tenho que sair. Não tendo um emprego pra se manter, eu vou ter que sair pra outro lugar, atrás de um emprego melhor. (Sexo masculino, 20 anos).

Subemprego

A categoria subemprego surgiu a partir do aprofundamento das discussões dos grupos focais, quando foi mostrado aos jovens que, apesar de nos relatos eles falarem que a principal causa da emigração era a falta de emprego, 78% deles havia respondido nos questionários que exercia atividade remunerada. Foi solicitado, dessa forma, que eles esclarecessem melhor esse fato, assim, foram

relatadas as difíceis condições de trabalho às quais os jovens se encontram submetidos no município. Essa categoria foi subdividida em: humilhação no trabalho; baixos salários; vontade de ter horário; o sonho da carteira assinada; a ameaça do desemprego.

a) Humilhação no trabalho

A humilhação no trabalho surgiu em vários momentos e de várias formas. Nas outras subcategorias que serão apresentadas na categoria subemprego encontra-se a marca da humilhação, porém preferiu-se subdividir por uma questão de clareza. Nas falas apresentadas a seguir, encontra-se a humilhação no trabalho, como desvalorização do sujeito, encontram-se as marcas do sofrimento ético-político (Sawaia, 1999) em que o outro, nesse caso, o patrão trata o jovem como inferior, subalterno, sem valor:

G3: S2 - Tenho que trabalhar, quando chega no final do dia é humilhado, no final do mês é humilhado e no final do mês ganha pouco (sexo masculino 18 anos).

G1:S7 - Eu trabalho em casa de família. A gente trabalha muito, muitas vezes é maltratado e ganha muito pouco. É humilhado, porque existe muita humilhação em quem trabalha em casa de família e é o emprego que tem mais aqui em Tauá (sexo feminino, 17 anos).

G1:S4 - Eu já trabalhei em uma casa que o filho da minha patroa me bateu. Eu não fiz nada. A minha mãe também não fez nada. Mas não é porque ele era filho da minha patroa que ele tinha que me bater, né? Mas é a vida... (sexo feminino, 18 anos).

G3:S1 - Nem durmo direito. A gente não pode exigir nada. Diz ele que tem 40, 50 pessoas atrás da vaga da

gente. Por isso, não tem...não tem emprego, por isso que a pessoas tem de aceitar (sexo masculino, 19 anos).

b) Baixos salários

Percebe-se nesta subcategoria a marca do sofrimento ético-político, encontra-se a humilhação do trabalhador, através da desvalorização do seu trabalho, com baixos salários e o desrespeito às leis trabalhistas:

G1:S1 - Aqui o pessoal desvaloriza muito quem trabalha em casa de família, nunca vi ninguém falar que ganhasse mais de cem reais. (Sexo feminino, 19 anos).

G2:S4 - Aqui se você ganha cento e cinquenta, você morre de trabalhar, tem que trabalhar o dia inteiro e até à noite. (Sexo masculino, 20 anos).

G3: S2 - Eu, na oficina, ganhava 40 por semana, trabalhava das seis horas...trabalhava das seis às quatro horas. Aí final de semana passava, depois o patrão queria que eu trabalhasse sete horas, aí eu comecei a trabalhar até seis horas e ele queria que eu trabalhasse mais. Só pra ganhar 40 por semana? Só o aluguel da casa eu pagava 40! (Sexo masculino, 18 anos).

c) Vontade de ter horário

Este tópico faz referência ao desejo dos jovens de terem uma carga horária de trabalho bem definida e respeitada. O que não tem ocorrido, como podemos observar através dos relatos.

Observa-se a exploração do trabalhador e, ao mesmo tempo, uma resignação do jovem que se submete à exploração.

Nestes casos, de forma diferente, a emigração poderia ser vista como algo potencializador para a decisão de mudar a sua condição de explorado.

G3:S5 - Eu tenho vontade de ter horário. Final de semana, eu trabalho dia e noite. (Sexo feminino, 19 anos).

G3:S1- Olhe, eu, de segunda a sábado, eu trabalho... eu entro de 5:30 e saio 5:30 da tarde. De 5:30 da manhã às 5:30 da tarde. E no sábado entro 5:30 e saio 8 ou 9 horas da noite! (Sexo masculino, 19 anos).

G3:S5 - Eu trabalho em um salão. Salão de cabeleireira. Eu só tenho horário de chegada, de saída eu não tenho. Eu já cheguei a sair 1h da noite. De 7 da manhã às 11 horas da noite! (Sexo feminino, 19 anos).

d) O sonho da carteira assinada

O desrespeito às leis trabalhistas no município é um fator que influencia a vontade do jovem de procurar outro lugar, onde tenha grandes empresas que ofereçam aos trabalhadores direitos básicos como carga horária de 8 horas diárias, salário de acordo com o mínimo estipulado para todos os trabalhadores, vale-transporte, etc. Todos esses direitos, com os quais eles não estão contando na sua atual situação, podem ser resumidos no sonho do trabalho com carteira assinada, pois ela representa a imagem de ter seus direitos assegurados. Nos relatos que seguem, pode-se verificar a situação de exploração no município e fica também marcada a intenção de emigrar em busca de oportunidades de conseguir a tão almejada “carteira assinada”.

G2:S1- Por isso que é difícil a gente ficar por aqui, a oportunidade de emprego aqui é pouco, a gente quer sair,

quer melhorar o emprego e trabalhar em um lugar que assinem a carteira da gente, que cumpra as leis como as leis são. Aí é bom! A gente se satisfaz, a gente trabalhando num lugar desses. (Sexo masculino, 18 anos).

G3:S2 - Aqui se você chegar pra um gerente de uma loja e pedir pra assinar a carteira, o gerente manda logo você embora. Você tá logo é pedindo sua demissão! (Sexo masculino, 18 anos).

G1: S1 - Em cidades maiores tem mais oportunidade de emprego, o emprego é com bom salário, com carteira assinada e aqui não. É difícil ter assim emprego com carteira assinada. Assinam a carteira, mas você não ganha aquele salário. (Sexo feminino, 19 anos).

Observa-se a exploração no trabalho e, por causa disso a avaliação negativa que os jovens fazem da cidade, levando-os a desejarem ir para uma outra em busca de mais oportunidades e de respeito. A crença de que na cidade grande as condições são melhores é expressa na fala do sujeito 1 do grupo 1 (G1:S1), apresentada anteriormente.

O desejo de estudar

Estudar, cursar uma faculdade faz parte dos sonhos dos jovens entrevistados. Nos três grupos focais, os envolvidos fizeram referência a estudar como uma das formas de “mudar de vida”, de sair da sua condição de excluído e explorado. Nesse desejo, há uma potência de ação (Sawaia, 1999), que vai em busca de agir e transformar a realidade. É colocado no relato dos jovens que um dos fatores que estimulam o deslocamento para outras regiões é o fato de que no município de Tauá existiam apenas três cursos para

quem desejava fazer estudos universitários. Os três estão relacionados ao ensino, sendo eles: Química, Biologia e Pedagogia.

G1:S2 - Muita gente quer se deslocar daqui porque a faculdade não tem aqui tanta faculdade que tanta gente quer. E aí afora tem muito tipo de faculdade e aqui em Tauá não tem, mas aí os jovens vão mais é colocar na cabeça: ah eu vou sair, vou me embora pra Fortaleza, pra São Paulo, de lá vou trabalhar e vou fazer uma faculdade melhor. (Sexo feminino, 18 anos)

G2:S1 - Com relação à faculdade lá fora, é... seria interessante se tivessem outros cursos aqui, porque aí isso também já ia fazer com que os jovens já não mais tentassem ir embora, nesse caso, pra tentar uma faculdade. Como o que tem aqui é Química, Biologia e Pedagogia a maioria não quer. (Sexo masculino, 18 anos).

G2:S2 - Acho que é isso, a falta de oportunidade pra quem tá querendo chegar mais além, porque muitas vezes ele vai fazer um curso, mas não é o que ele está querendo, ser professor, quando chega no final é aprovado, mas não é o que ele queria. (Sexo feminino, 19 anos).

G1:S2 - Eu vou terminar o segundo grau aqui e no próximo ano eu vou pra Fortaleza, morar com a minha mãe e minha vontade é essa também, de concluir uma faculdade. (Sexo feminino, 18 anos).

Observa-se que os jovens que preferem continuar morando no município ficam com poucas oportunidades, tendo que se sujeitar ao que é ofertado na cidade, seguindo muitas vezes uma profissão pela qual não optariam se tivessem chance de escolha.

G2: S1 - Eu vou fazer Química. Tô tentando. Se passar no vestibular, vou cursar. Não é meu sonho fazer Química, mas é a opção que nós temos aqui, ao nosso alcance e eu passando, talvez eu consiga um emprego aqui que dê pelo menos pra me manter até eu terminar o curso. Aí, tem gente que como não se enquadra em nenhuma dessas áreas dos cursos, aí vai embora e você tenta em outro local, mas muitas vezes acontecem os imprevistos e você nem consegue, né? Por isso que eu vou tentar me destacar, não era o que eu queria, mas pode ser que isso futuramente possa me trazer vários benefícios. Sexo masculino, 18 anos).

G2: S2- Eu fiz Química, porque no caso só tinha Química e Biologia, Pedagogia já tava lotada. Eu não queria fazer faculdade pra professor. Fiz pra Química, mas eu mesma disse pra minha mãe: eu botei Química, mas é difícil eu conseguir passar na primeira fase, vou tentar...se passar, continuo. Não gosto da matéria, mas vou tentar assim mesmo. (Sexo feminino, 19 anos).

Um fator relevante é que os estudantes fazem uma estreita relação entre trabalhar e estudar. Trabalhar para poder cursar uma faculdade, trabalhar para pagar uma faculdade, enfim, não foi observada em nenhum depoimento uma expectativa com a universidade pública. Isso mostra o quanto o acesso a ela está afastado do imaginário deles. Esse fator é consequência das seleções cruéis, que têm excluído cada vez mais os jovens provenientes das escolas públicas e do surgimento de diversas faculdades particulares, que podem ser pagas a um menor valor que a maioria, apesar de ser um investimento ainda caro para esses jovens, principalmente com os baixos salários aos quais estão sujeitos no município. Mesmo quando falam em estudar fora, vem a ideia de sair para

conseguir um trabalho que lhes proporcione pagar uma faculdade e se manterem.

G1: S2 - Eu quero ir pra São Paulo. Uma que eu já vou, no ano que vem eu já vou, se Deus quiser, mas quando eu chegar lá, eu quero... eu vou com o meu pensamento assim: chegar lá, trabalhar uns dois, mais ou menos um ano ou dois anos se for preciso, pra mim concluir uma faculdade. Que é o meu sonho é concluir uma faculdade. Não vai ser logo de início, mas quando eu chegar lá vou logo trabalhar pra concluir uma faculdade. (Sexo feminino, 18 anos)

G1: S4 - Ah, eu penso em ir é pra São Paulo, pra arrumar emprego melhor, ver se eu faço uma faculdade porque aqui, não arruma trabalho que dê pra fazer uma faculdade, o problema é minha mãe deixar, minha mãe não quer. (Sexo feminino, 18 anos).

G3: S2 - Acho que também o desenvolvimento. Aqui em Tauá se você vive, nasce, cresce, morre aqui, você não conheceu nada, não aprendeu nada! (Sexo masculino, 18 anos).

A influência de quem já partiu

Esse fator caracteriza-se pela influência de parentes e amigos que já emigraram. Para o jovem que no momento se encontra no processo da tomada de decisão entre o ficar e o partir, esse fator tem grande relevância. Saber de histórias de pessoas que se deslocaram para as grandes cidades e conseguiram trabalho, renda e certo *status*, enfim alcançaram seus objetivos, estimula para que haja novas emigrações. Pode-se verificar isso no relato dos jovens apresentados a seguir.

G3:S2 - Meu irmão foi pra São Paulo trabalhar lá. Lá ele chegou e começou a trabalhar de... fazendo entrega de pão, ganhava 450, só fazendo entrega no horário comum e tudo. Com dois meses que ele tava lá passou a trabalhar na (nome de empresa) e tá ganhando 800 reais. E agora ta com sete meses que ele ta lá, com dois meses, quase três meses ele já tá ganhando 800 reais. Aí optar por tá aqui, não. Por isso que eu também pretendo ir, pretendo não, já era pra mim tá lá, sabe? Eu ainda não fui porque eu não consegui o apoio do diretor, não consegui o apoio do diretor, não deu pra mim viajar, mas se eu passar por média, no dia 2 eu viajo! Já estou com emprego, casa certa, é só viajar. (Sexo masculino, 18 anos)

G2:S1- Eu tenho um primo que saiu daqui, trabalhava de pedreiro. Ele saiu daqui, foi vender com meu tio numa firma. Aí ele saiu. Fez um curso de cabeleireiro, tá num salão lá que é bem frequentado e agora, até agora ele já conseguiu levantar uma casa de primeiro andar e comprou dois carros, já com o dinheiro! (Sexo masculino, 18 anos)

Acreditar ser possível “vencer” na cidade grande impulsiona a emigração, pois o jovem se desloca não somente porque a sua cidade de origem não lhe oferece condições de crescimento e satisfação pessoal, mas por acreditar que em um outro lugar, na outra cidade ele poderá alcançar o que almeja e nesse processo a história de vitória do outro tem grande importância.

Algumas considerações sobre o momento atual

Emigrar é uma decisão importante que envolve vários aspectos da vida do indivíduo. Essa decisão é permeada pelos afetos, pois ao afastar-se de seu lugar de origem, distancia-se também de pessoas

queridas, de seu modo de vida, de sua cultura. Entretanto, as condições de exclusão e as dificuldades para alcançar algumas metas e realizar sonhos na cidade de origem têm levado, ao longo da história do país, milhares de nordestinos a se deslocarem para os grandes centros urbanos, o que tem contribuído para o inchaço das cidades que hoje se encontram com dificuldades para oferecer a seus moradores condições adequadas de moradia, de trabalho, de estudos e oportunidades. Encontra-se nas grandes cidades um cenário marcado por um grande número de indigentes, pela poluição ambiental, violência e pelo estresse gerado pelo modo de vida urbano.

Nesses caminhos de migração, sobretudo a de nordestinos, a seca tem sido acusada como a grande responsável pelos deslocamentos. Observa-se, porém, que o fator que levou aos deslocamentos em massa, mesmo nos períodos de grande estiagem, foi principalmente a situação de vulnerabilidade social à qual as populações sertanejas se encontravam e se encontram expostas.

Hoje, os jovens do semiárido ainda se afastam do trabalho agrícola, para não ter em sua história de vida a repetição das dificuldades pelas quais passaram seus familiares. O desejo de estudar e de ter um trabalho que lhes garanta renda fixa e os direitos trabalhistas assegurados, alimenta a possibilidade de ficar cada vez mais longe das condições de vulnerabilidade do pequeno agricultor.

Verifica-se, porém, que os jovens enfrentam outras dificuldades geradas pela falta de oportunidades na cidade de origem que, se forem somadas aos sonhos e projetos de vida que são característicos da juventude, fazem com que a emigração acabe por se apresentar ainda como uma boa saída, apesar de já ser em bem menor número.

Identificamos, na pesquisa, emigrantes em potencial, diferentes do sertanejo que, por causa de sua vulnerabilidade à seca, perde sua lavoura e tem que ir a procura de nova fonte de renda. Emigrantes em potencial porque ainda não haviam saído, mas que estavam na iminência de ir em busca de novos caminhos, novos lugares.

Um dos fatores que influencia na decisão entre o emigrar ou não, é a estima relacionada ao lugar. Essa categoria foi apresentada por Bomfim (2003) e pode ser considerada positiva ou negativa influenciando as ações dos indivíduos em seu entorno.

A estima positiva expressa afetos positivos dos habitantes em relação ao entorno, o espaço torna-se um lugar cheio de significados que potencializam a ação do jovem nesse ambiente.

A estima negativa, por sua vez, traz desde sentimentos de rejeição ao lugar até sentimentos contraditórios, que confundem os indivíduos, despotencializando suas ações para a contribuição da construção de melhorias no entorno.

(...) a estima é um indicador da ação do indivíduo na cidade e de sua participação cidadã. A estima pode ser tomada como eixo orientador da implementação de ações que pretendam buscar o envolvimento da população em questões urbanas e ambientais (Bomfim, 2003, p. 206).

Para os jovens que participaram da pesquisa, a decisão de partir não era algo fácil, pois havia uma relação de apego à cidade, apontada através da estima deles em relação às suas comunidades, que foi verificada, de acordo com Ferreira (2006), ser mais positiva do que negativa destacada pelo sentimento de pertencimento, o que pode dificultar a adaptação em outro local, gerando sofrimento. O apego à família também foi outro fator que interferiu na decisão de partir e a separação pode também gerar um desequilíbrio emocional e sofrimento.

O que ficou claro na pesquisa é que a emigração era estimulada não apenas pelo desemprego, mas pela falta de oportunidades de estudo e a desvalorização do sujeito enquanto trabalhador. A exploração e a humilhação percebidas eram gritantes e podem ser vistas como expressão do sofrimento ético-político.

Nesse caso a emigração poderia, por vezes, ser vista como uma potência de ação ou de padecimento (Sawaia, 1995). No primeiro caso, a emigração potencializa quando o jovem procura uma transformação da condição de explorado à qual está submetido. No segundo, quando a emigração é feita sem uma intenção transformadora, ou seja, quando o jovem é simplesmente levado pela ação do fluxo migratório já existente, reforçando a sua situação de sofrimento ético-político.

Atualmente, como já relatamos anteriormente, tem sido registrado um retorno dos emigrantes nordestinos às suas cidades de origem. O Ceará, segundo dados do censo de 2010 (IBGE, 2012), foi o estado que mais recebeu de volta seus filhos que, historicamente espalhados por diversas partes do mundo, têm voltado para casa em virtude da falta de oportunidades nas grandes cidades, da crise econômica em diversos países e, principalmente graças aos investimentos feitos para o crescimento econômico do Nordeste nos últimos anos.

De acordo com o jornal *O Povo* (2012, abril, 28), o censo realizado em 2010 pelo IBGE (2012) demonstrou que mais de 500 mil pessoas voltaram para o Estado. Esse número é equivalente a 46,6 % do total da emigração de retorno no país. Esse índice refere-se a pessoas que nasceram no estado em que residiam no momento da pesquisa, mas que habitavam em outro local cinco anos antes.

Um dos pontos que percebemos como de extrema importância para a manutenção dos jovens em suas cidades de origem foi o acesso à educação, através das políticas de expansão e interiorização das universidades, tanto as do âmbito federal, estadual, municipal e também as do setor privado. Isso tem dado aos jovens a perspectiva de novas oportunidades de atuação já que a agricultura familiar, apesar de ainda ser de suma importância para o abastecimento interno do Brasil, perdeu muito a sua força em decorrência da histórica falta de investimentos nessa área.

Em relação à educação, não podemos deixar de citar também os esforços feitos para a construção de uma educação contextualizada para o semiárido, deixando de lado uma educação baseada nos parâmetros de outras regiões do país, o que gerava um sentimento de desvalorização de localidades do semiárido e de valorização de outras regiões.

Nesse âmbito, destacamos o trabalho da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), que busca contribuir para um conhecimento maior do próprio lugar em que se vive, descobrindo muito mais do que é transmitido pela mídia – lugar apenas de seca, de pobreza, falta de perspectivas – e que tem gerado preconceitos e desvalorização das regiões semiáridas, como lugar apenas de seca, de pobreza, falta de perspectivas, pois dessa forma, quem gostaria de permanecer neste lugar?

Busca-se, dessa forma, desmistificar uma educação reforçadora de uma simbologia negativa sobre a região semiárida brasileira e que tem fortalecido “um modelo de educação colonialista que sempre privilegiou a cultura externa e desconsiderou os potenciais locais” (Souza, 2005, p. 25). A mesma autora cita um trecho do projeto “Inclusão e Universalização em Qualidade da Educação no Semiárido Brasileiro” da RESAB:

A educação no Semiárido brasileiro jamais prestou um serviço condizente à viabilização da melhoria das condições de vida no contexto em questão; por outro lado, as políticas assistencialistas desintegradas não foram suficientes para enfrentar o ciclo de geração de pobreza e frear o ciclo migratório das populações do Semiárido para outras regiões do país. Os currículos desarticulados do contexto local e propagadores de que outras regiões são melhores que o Semiárido funcionam sempre como um passaporte para a saída e para o inchaço nas periferias urbanas. (Souza, 2005, p. 26).

O semiárido é uma região com características próprias, cheias de belezas e dificuldades e que precisa de políticas adequadas para diminuir a vulnerabilidade de seus habitantes às variações climáticas, como qualquer outra região.

É necessário, no entanto, que os governantes estejam atentos às necessidades dos jovens, não apenas às básicas de sobrevivência, mas aos sonhos e anseios da juventude em seus projetos de vida (Furlani & Bomfim, 2010). É preciso que haja, além de escolas e de um ensino de qualidade, formação técnica e ensino superior que amplie os horizontes e para que os jovens tenham condições de ingressar no mercado de trabalho.

Com relação ao trabalho, não basta apenas empregar. Lembramos que 78% dos jovens entrevistados disseram ter emprego remunerado, porém, entre estes 75% pensa em emigrar. É necessário que haja uma fiscalização das empresas para que os direitos dos trabalhadores sejam respeitados. Os municípios precisam fornecer subsídios para o crescimento de vagas no mercado de trabalho interno. E é preciso que haja um projeto de educação com os empresários e empregadores sobre o respeito aos direitos dos trabalhadores.

Como muitos municípios do sertão têm ainda como principal fonte de renda a agricultura, é necessário que os seus dirigentes estejam atentos ao abandono do trabalho agrícola por parte da juventude e se prepare para receber o número de jovens que estão vindo das comunidades rurais para as sedes em busca de educação e trabalho. É necessário também que a cidade possibilite bem-estar através de uma melhor infraestrutura que garanta uma melhor qualidade de vida. Verificamos que há uma carência da população jovem quanto a equipamentos de lazer e de socialização.

Uma alternativa seria a elaboração de planos a partir da participação popular, nos quais os jovens possam falar sobre seus anseios e necessidades, nos quais a população possa refletir sobre a

sua condição de vulnerabilidade e sobre os problemas que enfrenta no seu cotidiano. É necessário que se dê importância ao que as pessoas têm a dizer sobre sua realidade e criar condições sustentáveis de vida para a juventude para que os laços de convivência comunitária, já conquistados, possam ser ampliados.

Referências

- Albuquerque, F. J. B. (2002). Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, p. 37- 42, jan./ abr.
- Almeida, L. S; Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em Psicologia e educação*. Coimbra: APPORT.
- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bezerra, N. F. (2004). *Fragmentando o território: bases para o desenvolvimento do semiárido do Ceará*. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.
- Bomfim, Z. A. C. (2003). *Cidade e afetividade: Estima e construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Tese de doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Ferreira, K. P. M. (2006). *Ficar ou partir?: Afetividade e migração de jovens do sertão semiárido cearense*. 2006. Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
- Furlani, D. D. & Bomfim, Z. A. C. (2010) Juventude e Afetividade: Tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia e Sociedade*, 22 (1), 50-59.
- Gastelo, P. (2011). *Crescimento urbano e reforma agrária*. Recuperado em 21 novembro, de <http://www.cepac-ce.com.br/>.

Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambientes. In Bernard, Y. *Psicologia e Ambiente*. São Paulo: EDUC.

O Povo, dia 28/4/2012 *Cearenses lideram ranking dos que retornam para casa*.

Holanda, F. J. C. (2005). *Evolução das emigrações cearenses no período de 1991 a 2003*. 2005. 65f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural): Centro de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Agrícola. UFC. Fortaleza.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2002). *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE.

Sawaia, B. B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise dialética exclusão/inclusão. In SAWAIA B. B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, p. 97-118.

Sawaia, B. B. (1995). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In Lane, S. T. M; Sawaia. B. B. *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.

Silva, Maria Aparecida de M. (2004). *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: UNESP.

Toniatti, M. F. (1978). *Migrações rurais e urbanas no estado do Ceará: suas causas*. 1978. 200f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural): Centro de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Agrícola. UFC. Fortaleza.

Vieira, R. O de C. (1992). *Estrutura agrária, fluxo migratório e a formação de favela no estado do Ceará: um estudo de caso na cidade de Fortaleza*. 1992, 149f. Dissertação de mestrado em Economia Rural, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.